

DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO: EFEITOS PEDAGÓGICOS DO RISO E DO CÔMICO

FROM PHILOSOPHY TO EDUCATION: PEDAGOGICAL EFFECTS OF LAUGHTER AND THE COMIC

DE LA FILOSOFÍA A LA EDUCACIÓN: EFECTOS PEDAGÓGICOS DE LA RISA Y EL CÓMIC

 Lúcia Schneider Hardt¹

 Stefania Peixer Lorenzini²

1. Graduação em História pela Unisinos. Doutorado em Educação pela UFRGS. Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: luciashardt@gmail.com
2. Graduação em Ciências Sociais pela UFSC. Doutorado em Educação pela UFSC. Professora Substituta pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: fafalorenzini@gmail.com

ABSTRACT: This article tries to trace a philosophical path of laughter and the comic, allowing a risky reflection on Education from this perspective. We wish, therefore, to invite the reader on a journey whose crossing implies a passage through Philosophy and a landing in Education. Reflecting on how the strength of laughter and the comic can exert its effects on the teacher and on his relationship with the classroom and his students. As a result, we understand that the educator must have the strength to understand that this world is full of fissures, fringes, tears, reverses, abyss, but also joys, connections, ecstasy and, at the same time, seek provisional solutions that are always subject to risk and imbalance. For this reason, laughter can be a kind of wisdom that transfigures life, dissolves the spirit of heaviness, of excessive seriousness, to create spaces for creativity.

Keywords: Laughter; Comic; Education; Philosophy; Formation.

RESUMO: Este artigo tenta traçar um percurso filosófico do riso e do cômico, permitindo uma reflexão arriscada sobre a Educação a partir dessa perspectiva. Desejamos, assim, convidar o leitor para uma viagem cuja travessia implica uma passagem pela Filosofia e um desembarque na Educação. Refletindo sobre como a força do riso e do cômico pode exercer seus efeitos no professor e na relação deste com a sala de aula e seus estudantes. Como resultado, compreendemos que o educador deva ter força para entender que esse mundo está repleto de fissuras, franjas, rasgos, avessos, abismo, mas também alegrias, conexões, êxtase e, ao mesmo tempo, buscar soluções provisórias sempre passíveis de risco e desequilíbrio. Por isso, o riso pode ser uma espécie de sabedoria que transfigura a vida, dissolve o espírito de peso, de excesso de seriedade, para produzir espaços para a criatividade.

Palavras-chave: Riso; Cômico; Educação; Filosofia; Formação.

RESUMEN: Este artículo intenta trazar un camino filosófico de la risa y la historieta, que permita una arriesgada reflexión sobre la Educación desde esta perspectiva. Deseamos, por tanto, invitar al lector a un viaje cuya travesía implica un paso por la Filosofía y un aterrizaje en la Educación. Reflexionar sobre cómo la fuerza de la risa y el cómic pueden ejercer sus efectos en el docente y en su relación con el aula y sus alumnos. En consecuencia, entendemos que el educador debe tener la fuerza para comprender que este mundo está lleno de fisuras, flecos, lágrimas, reveses, abismos, pero también alegrías, conexiones, éxtasis y, al mismo tiempo, buscar soluciones provisionales que sean siempre sujeto al riesgo y al desequilibrio. Por eso, la risa puede ser una especie de sabiduría que transfigura la vida, disuelve el espíritu de pesadez, de excesiva seriedad, para crear espacios de creatividad.

Palabras-clave: Risa; Cómico; Educación; Filosofía; Formación.

Recebido em: 15/05/2023

Aprovado em: 28/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

O riso é a sabedoria, e filosofar é aprender a rir.

Sem a liberdade de rir, de caçoar e fazer humor, não há progresso da razão.

(Georges Minois)

Preliminares

Em geral, a filosofia é tomada como assunto sério, sendo assim pouco afeita ao riso, à alegria. Defendemos o contrário: justamente por ser um tema sério e interessado nos humanos, ela sabe também considerar e enxergar o valor do riso e da alegria, assim como os temas da dor, do sofrimento, da curiosidade, do conhecimento. Desejamos convidar o leitor para uma viagem cuja travessia implica uma passagem pela Filosofia e um desembarque na Educação. Uma Filosofia capaz de levar a sério os humanos que são educadores e que enfrentam todo tipo de limite e potência de vida enquanto ensinam. Como bem sugere Minois, filosofar (e, a nosso ver, talvez, educar) é também aprender a rir, pois só assim há progresso da razão! Talvez melhor, o riso reconhece o ambivalente, escapa do binarismo e do maniqueísmo, abre espaço para abrigar a tensão e as instabilidades. E nesse esforço de constatar que nem tudo é tão seguro e estável, acabamos tendo a oportunidade de rir de nossos próprios limites. O espaço da escola, da sala de aula, tem muito desse tempero. Os encontros reúnem pessoas de diferentes histórias, convicções, desejos, perfis e quando a potência disso tudo explode e não alcança uma mínima articulação, precisamos retomar o desafio e rir de nós mesmos. Jamais para estagnar e desistir, mas sim para iniciar outra vez nossas interações, considerando nossas dissonâncias e contradições.

Sendo o riso um tema bastante interdisciplinar - tratado a partir de várias áreas do conhecimento, e que se manifesta como tema filosófico há milênios – apresentaremos inicialmente alguns conceitos, proposições teóricas e conjecturas filosóficas sobre o tema, para, no decorrer disso, pensá-lo sob a perspectiva da Educação.

O riso na Antiguidade

As teorias da Antiguidade sobre o riso, considerando aqui especialmente Platão e Aristóteles, implicam uma análise em relação àquilo que vivemos, ou melhor, o que desejaríamos viver. Em Platão, o riso por vezes é um vício daqueles que não alcançam as exigências da razão. Teremos o riso e o risível, uma espécie de prazeres falsos que ignoram o valor da razão. Nessa consideração sobre o riso, Platão deixa claro um certo descontentamento com a formação dos indivíduos em seu tempo, “responsabilizando a poesia trágica por isso no livro X da República, o que tradicionalmente foi considerado mera atitude pejorativa contra a arte” (BOCAYUVA, 2014, p. 93). Muitos julgam Platão nessa direção, absolutizando

uma suposta posição contrária à Arte. Assunto polêmico, que mereceria atenção em outro texto. De toda forma, existem vários “Platões” se considerarmos as múltiplas interpretações sobre seus textos. Segundo Bocayuva (2014):

Quando Platão faz seu comentário negativo em relação à educação do povo grego de seu tempo pela poesia trágica ele está justamente considerando em sua argumentação as características do caráter moderado, próprio ao homem que teria alcançado, por uma educação diferenciada, mais vigor, mais coragem e, sobretudo, maior plasticidade, isto é, maior capacidade de decidir, acerca de situações inusitadas, a melhor forma de agir tanto em relação a si mesmo, quanto em relação aos outros, sem estardalhaços seja de euforia, seja de tristeza (BOCAYUVA, 2014, p. 93).

Para Platão, esse homem moderado e diferenciado é também criativo, sabe usufruir da liberdade e por isso não pode ser seduzido pelo que é comum, repetitivo, precisa ter “olhos voltados para um nível que se encontra além do imediato” (BOCAYUVA, 2014, p. 94). No livro sobre o riso de Alvarce (2009), citando Verena Alberti, o conceito por vezes negativo do riso e do risível em Platão tem relação com suas convicções filosóficas, que implicam o desejo de acessar a verdade e por isso evitar o mundo das paixões e ilusões. Nesse contexto, quem ri e do que se ri implicaria uma atitude menos sofisticada, distante do homem da razão e do conhecimento. Só aqui já temos autores com diferentes interpretações de Platão e que, portanto, nos convocam a pensar outra vez a contribuição dos clássicos.

Segundo Alberti (2011)¹, podemos afirmar que o riso é algo próprio do humano. Aristóteles reservou um lugar mais significativo para tal conduta, destacando a comédia:

Para Aristóteles, a comédia era a prova do caráter filosófico da poesia, pois construía seus personagens de acordo com o verossímil, ao passo que a tragédia teria como alvo os homens que realmente existiram. Outro viés pelo qual o riso foi pensado desde a Antiguidade foi o da retórica: Aristóteles, mas principalmente Cícero e Quintiliano, entre outros, observaram os recursos que levariam uma plateia a rir e, com isso, acabaram constituindo também teorias do riso. Quintiliano tem, a meu ver, uma explicação surpreendentemente moderna do riso. Analisando duas frases idênticas que, de acordo com o contexto, podem fazer rir ou não, ele deduz que a causa do riso no contexto que faz rir “está na apresentação das coisas de uma maneira contrária à lógica e à verdade” (ALBERTI, 2011).

Podemos dizer que o riso em Aristóteles é uma virtude convertida em bom humor e necessária para os humanos, não suficiente. O riso e o bom humor, na medida certa, garantem uma espécie de sossego e descanso daquilo que de fato implica a responsabilidade humana na vida política.

¹Verena Alberti é graduada em História, mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e é doutora em literatura pela Universidade Gesamthochschule Siegen, na Alemanha. É pós-doutora pela Universidade de Londres e pela Universidade de EastAnglia, ambas na Inglaterra. Atualmente, leciona na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. De sua produção bibliográfica, citamos *O riso e o risível na história do pensamento* (2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora e Fundação Getúlio Vargas, 2002). O conteúdo desta citação diz respeito a uma entrevista concedida à Unisinos e identificada nas referências

O riso e o medievo

Já a grande maioria dos textos da teologia medieval afirmavam que o riso nos afastava de Deus, mesmo reconhecendo que a prática é própria dos humanos. Segundo Ribeiro, baseando-se em Le Goff, no clássico livro de Mikhail Bakhtin (2010) sobre a cultura popular no medievo e no Renascimento, na pesquisa de Georges Minois (2003) sobre a história do riso e do escárnio, assim como nos estudos de Alberti (1999) e sua análise teórica e historiográfica sobre o riso, o autor avalia que, por um bom tempo, não rir era um grande ensinamento cristão, uma necessidade para aproximar-se de Deus e afastar-se dos prazeres imediatos. Santo Agostinho, por exemplo, pensador cristão do início da Idade Média, condenava o riso. Ele vivencia um momento bastante conservador do cristianismo, em que se entende que “[...] o riso vem do prazer carnal, consequência do pecado e, portanto, do diabo. Além do mais, o riso pode nos fazer esquecer o medo constante que devemos ter do inferno” (MINOIS, 2003, p. 126). Deste modo, Santo Agostinho nos aconselha a buscar a razão: “[...] quando a razão, a mente ou o espírito governam os movimentos irracionais da alma, é que está a dominar na verdade no homem aquilo que precisamente deve dominar, em virtude daquela lei que reconhecemos como sendo a lei eterna” (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 47). Dentre esses movimentos irracionais a que Santo Agostinho se refere, estará o riso. Quando trata das diferenças entre os humanos e os demais animais, ele afirma:

há [...] propriedades que não parecem convir aos animais, sem que todavia sejam no homem as mais perfeitas, como, por exemplo, divertir-se e rir. Por certo, são expressões características do homem, mas as menos importantes [...]. Vêm a seguir, o amor aos elogios e à glória e o desejo de dominar, tendências essas que também não pertencem aos animais. Contudo, não devemos nos julgar melhores do que eles, por possuímos essas paixões. Pois tais inclinações, ao se revoltarem contra a razão, nos torna infortunados. Ora, ninguém jamais se pretendeu superior aos outros, por sua miséria (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 47).

Nesse sentido, o riso é sinal de pobreza de espírito, e ninguém deveria se vangloriar disso. Contudo, como nos apresenta Ribeiro (2010), seguindo o pensamento de Bakhtin:

“do outro lado”, trabalhando com a antítese da seriedade, estavam as camadas populares, com destaque para os meios urbanos, que se caracterizavam por sua alegria, pelas festas, tendo o intuito de inverter os valores da sociedade. A alegria seria sinônimo da manifestação constante do riso, e teoricamente, rir era se colocar contrário à ordem social da Igreja Católica, que apregoava e valorizava o indivíduo sério, por compreender na seriedade um passo importante de aproximação da salvação da alma e do corpo. O riso dos populares, seguindo o pensador russo, seria um riso de autoafirmação do sujeito (p. 214).

Assim, “para que a representação em torno do riso se invertesse, passando de leitura demoníaca para vitória de Deus, foi necessário um longo transcorrer dentro do processo histórico” (p. 222), e aos poucos

certos risos passam a ser tolerados pela Igreja, ainda que sempre estivesse presente a definição do que não seria possível tolerar enquanto manifestação humana.

Na esteira do renascimento

É no Renascimento que vemos o riso florescer novamente, ainda que este repouse “(...) sobre a contradição flagrante entre o humanismo sorridente e o fanatismo religioso” (MINOIS, 2003, p. 272). Um riso escarnekedor expresso, por exemplo, na produção cômica de Rabelais, tão bem estudada por Bakhtin, para o qual “(...) a Renascença foi a rejeição da cultura oficial da Idade Média pelo riso popular (...)” (MINOIS, 2003, p. 272). O absurdo torna-se uma forma de combate ao sério, tendo como veículo o grotesco, a sátira carnavalesca, o riso crítico, que circula pelas ruas em festa. É também na Renascença que surge a caricatura como expressão artística, o que atinge em cheio a dignidade pessoal daquele a quem se ataca. São “as lutas religiosas, tão sérias e tão trágicas (...)” (MINOIS, 2003, p. 298) que contribuem para o seu surgimento, além do desenvolvimento da impressão, que permite sua distribuição em massa.

Pode-se perceber como o riso e o sério se entrelaçam historicamente, enquanto faces de uma mesma moeda. Tudo que há de sério, expresso nesse período pelos conflitos religiosos que determinam o valor das pessoas e das coisas, tem em contrapartida esse movimento de resistência que encontra na arte de fazer rir uma poderosa arma de combate.

O riso, a loucura e a sala de aula

Assim como o riso, a loucura² foi também protagonista da história, e Erasmo de Rotterdam (1469-1536), por meio de sua literatura, nos alcança esse ingrediente precioso.

Vale registrar que a loucura é do gênero feminino, e como tal possui certa intimidade com o campo da educação. A loucura sempre está conosco e, ao invés de nos perturbar, ela quer nos fazer rir das contingências da vida. Uma personagem feminina inventada para descrever a vida, os abismos, as dores e contemplando tudo o que se passa. Assiste o que acontece, ouve, percebe todo o movimento da vida e certamente é também uma personagem presente na escola. É uma força aparentemente anônima, mas presente. A versão feminina da loucura não tem os parâmetros da medida, das convenções, da elegância, mas constitui-se, como diz Erasmo, a partir de certa insanidade, de um ímpeto vital irracional. A voz da loucura fala do inusitado, do que produz impacto em cada um de nós. A escola é também um lugar do inesperado, e nesse lugar a loucura tem o que dizer. Confundimos instrução com cultura e imaginamos que a civilização nos humaniza. Nem sempre é assim, muitas vezes as instituições impedem o homem de ser

²Sobre o tema da loucura retomamos parcialmente um texto de Bittencourt & Hardt sobre Didática geral, escrito para a formação de professores na modalidade a distância / Florianópolis:UFSC, 2010.

aquilo que efetivamente pode ser. “Tornar o homem o que ele é, eis o ponto fundamental da educação voltada para a cultura” (DIAS, 1993). Contudo, esse é um caminho cheio de travessias, perigos e seduções. Uma educação diferenciada busca a superação, enfrentando as premissas castradoras, refletindo sobre os valores, restabelecendo uma força vital que todo ser humano tem: afirmar-se diante do mundo. Não permitir ser amansado, enfrentar a moral de rebanho.

A loucura é aqui incorporada como um tempero da ironia, da indignação, da força vital para evitar ajustamentos e produzir com qualidade espaços de aprendizagem. O texto clássico de Erasmo (*Elogio a Loucura*) nasce de uma decepção, da frustração, da resistência contra a ortodoxia, as estruturas eclesiásticas, as verdades totalitárias. O recurso foi uma fala criativa, já que a convencional não parecia ser ouvida. Erasmo resolve, então, adentrar a sátira, o gracejo, fazendo uma parceria com a deusa da loucura, sendo, portanto, obrigado a adaptar-se a seu caráter.

Podemos, enquanto educadores, ter sensibilidade para verificar quais são as ruínas da sala de aula contemporânea e resistir para criar outras possibilidades e construir outros e novos espaços, bem como novas práticas. Nesse contexto, é preciso ter coragem e determinação. Segundo Erasmo (2003), trata-se então de fazer o seu próprio elogio (da loucura), como ele começa afirmando:

Não espereis de mim nem definição, nem divisão de mestre de retórica. Nada seria mais despropositado. Definir-me seria dar-me limites e minha força não conhece nenhum. Dividir-me seria distinguir os diferentes cultos que me prestam, e sou adorada por igual em toda a terra. Além do mais, por que querer vos dar, por uma definição, uma cópia ideal de mim mesma que não seria mais que minha sombra, se tendes diante dos olhos o original? (ERASMO, 2003, p. 14).

A originalidade apontada pela própria loucura implica o reconhecimento de sua prática, que aparece aberta, escancarada, sem controle. Ainda que os virtuosos tentem regulá-la, ela escapa, arranja atalhos e se mostra inteira.

Já conhecemos agora um pouco do cenário da loucura; entretanto, fica a indagação: Qual seu significado? Onde ela faz acontecer sua finalidade?

A loucura nos livra de duas coisas fundamentais: a vergonha e o temor. Ela nos incentiva à exposição, ao embate, à denúncia, a representar sempre que possível a comédia da vida. A diferença entre um louco e um sábio, diz Erasmo, é que o primeiro obedece às suas paixões e o segundo à sua razão. Estamos sendo convidados a dizer loucuras, aproximarmo-nos dela – da loucura – para produzir outras e novas dinâmicas de vida. Na boca dos loucos a verdade pode ser dita, pois os deuses “concederam o dom de dizê-la sem ofender”.

A sala de aula pode ser um lugar de prazer, mas ela também se faz com uma boa dose de loucura e coragem. Quando a sala de aula tomba, frustra, decepciona, precisamos de racionalidade, mas também da

loucura e da ironia. Encarar a queda com dignidade designa uma qualidade estética do ser humano. O encontro humano que acaba acontecendo em uma sala de aula é muito complexo, depende de uma série de aspectos, nem sempre sob o domínio do docente. Assim, ainda que tudo possa ter sido planejado, preparado, antecipado, por vezes algo falha e frustra. Uma qualidade docente é o esquecimento, não fixar a vivência frustrada, não lembrar atitudes inconvenientes, para encontrar temporariamente um tanto de consolação.

Assim, a loucura em alguma medida está aliada ao riso, e este, analisado pela linguagem de humor que o provoca – como a ironia, o escárnio, o sarcasmo, a bufonaria, a palhaçaria, a caricatura, dentre outras linguagens – recebe desde críticas pouco lisonjeiras em nome da seriedade implicada em uma ideia de ser e de verdade, até sua defesa com argumentos um tanto desajeitados, subversivos e desapegados de vínculos tradicionais, alegando a necessidade imperativa do riso para uma existência que dê abertura à criação, à arte e ao devir. Em resumo, há quem tome o riso como crime à decência e à dignidade humanas, e há quem lhe assuma como antídoto e salvação. O mesmo ocorre com os rompantes de loucura.

Neste entorno, inserimos a sala de aula e a vida do professor. Defendemos neste texto que o riso e o bom humor, em alguma medida, “salvam” o educador do abismo. Oferecem a ele condições para sempre iniciar outra vez aquilo que frustrou, decepcionou ou entristeceu.

A modernidade, o contemporâneo e o riso

Seguimos destacando algumas teorias que se reservam a explicar a mecânica do riso, como é o caso de Bergson, em sua obra *O Riso*, que sugere que rimos porque somos conservadores, para interromper a fluidez natural dos eventos cotidianos. Rimos para constranger? Rimos para regular, diz Bergson.

Schopenhauer é também bastante técnico em suas explicações. Assim como para Aristóteles, o riso “[...] pertence, como a razão, exclusivamente ao homem [...]” (SCHOPENHAUER, 2004, p. 68). Seu mecanismo é muito simples: trata-se da “[...] falta de concordância – subitamente constatada – entre um conceito e os objetos reais que ele sugeriu, seja de que modo for; e o riso consiste precisamente na expressão desse contraste” (SCHOPENHAUER, 2004, p. 68). Rimos quando percebemos que não alcançamos a seriedade ou a objetividade com que deveríamos apreender a realidade.

Segundo Alberti (2011), na entrevista concedida à Unisinos, Schopenhauer começa um entendimento muito interessante sobre o riso, afinal:

rimos porque nos damos conta da incongruência entre a razão e a realidade. Ver a severa e infatigável razão fracassar na apreensão das infinitas nuances da realidade, diz Schopenhauer, é prazeroso para nós e, por isso, rimos. Podemos dizer que essa forma de conceber o riso é relativamente recorrente desde então; é como se o riso nos levasse a uma dimensão mais abrangente do pensamento, porque consegue compreender – no sentido de incluir – todas as incongruências e os não ditos que fazem parte do real, permitindo-nos alcançar o impensado (ALBERTI, 2011).

Incongruências, não ditos, estão por todas as paredes da escola. Alcançar o impensado parece ser possível apenas pelo riso e pelo bom humor. Nossa travessia rumo à Educação, partindo da filosofia, parece estar nos autorizando a reconhecer no riso seu efeito pedagógico necessário para nossa sobrevivência.

Kant (2010, p. 177) foi outro filósofo *inovador*, que procurou dar alguma explicação prática para o riso: em tudo o que pode suscitar um riso vivo e abalador tem que haver algo absurdo (em que, portanto, o entendimento não pode em si encontrar nenhuma complacência). *O riso é um afeto resultante da súbita transformação de uma tensa expectativa em nada.*

Ele explica que o ato de humor (ou gracejo, em seus termos) origina-se de pensamentos desejosos de se expressarem. Quando nosso entendimento recebe desses pensamentos algo que não o esperado, “[...] sente-se no corpo o efeito desse enfraquecimento pela pulsação dos órgãos, a qual promove o restabelecimento de seu equilíbrio e tem um efeito benéfico sobre a saúde” (KANT, 2010, p. 177). O riso seria justamente o *clímax* dessa discordância. Sobre o humor, Kant (2010, p. 180) entende que, mesmo não possuindo os mesmos atributos nobres do que seria uma bela arte, a prática *pertence à originalidade do espírito: humor*, em bom sentido, significa o talento de poder arbitrariamente transportar-se até certa disposição de ânimo, em que todas as coisas são ajuizadas de modo inteiramente diverso do habitual (até inversamente a ele) e, contudo, conforme certos princípios da razão em uma tal disposição de ânimo.

Riso e sua relação com a saúde, a grande saúde nos termos de Nietzsche, conforme nos indica Marta Faustino (2017):

entre as várias características que Nietzsche aqui atribui à grande saúde, gostaria de destacar aquelas que se repetirão e tornarão recorrentes em quase todas as passagens que lhe são dedicadas, formando, assim, como que o seu núcleo definatório: em primeiro lugar, a doença é apresentada, não como o contrário da saúde, mas como um instrumento indispensável para a própria promoção, crescimento e fortalecimento da grande saúde; em segundo lugar, é conferida à doença inerente à grande saúde uma extraordinária importância no que diz respeito, em particular, ao conhecimento (e ao autoconhecimento) e à abertura de novos, arrojados, inovadores e controversos caminhos de pensamento; em terceiro lugar, o sinal distintivo da grande saúde é apresentado como uma quantidade abundante de forças plásticas, curativas, formativas e regeneradoras, que permite ao indivíduo, por sua vez, recuperar continuamente de sempre novos episódios de doença, dor ou sofrimento; por último, e por todos estes motivos, a grande saúde surge como o grande privilégio e, sobretudo, a condição de possibilidade do sucesso no caminho de dor, solidão, perigos, experiências e aventuras do espírito livre (FAUSTINO, 2017, p. 26).

A grande saúde implica também libertação, ou seja, livrar-se daquilo que nos prende, de formas de ensinar que não funcionam, de diálogos desconexos, de uma didática enviesada e que pode ser reinventada, tal como Nietzsche nos “fornece ainda algumas pistas relativamente aos seus métodos ou técnicas para voltar sempre de novo à saúde e que se relacionam diretamente com esta “arte de mudar de pele” ou a sua

prática de inverter perspectivas e de jogar com diferentes disposições espirituais” (FAUSTINO, 2017, p. 35).

Já no que diz respeito à psicanálise, Freud explica: “[...] a produção do prazer humorístico surge de uma economia de gasto em relação ao sentimento” (FREUD, 1996, p. 99). Isso significa dizer que nossa mente deseja, na descarga do riso, preservar-se da tristeza da realidade dos fatos, como uma resposta à expectativa de qualquer outro desfecho que não o humorístico. Duas seriam as formas do ato:

para resumir, então, podemos dizer que a atitude humorística – não importando em que consista - é possível de ser dirigida quer para o próprio eu do indivíduo quer para outras pessoas; é de supor que ocasione uma produção de prazer à pessoa que a adota, e uma produção semelhante de prazer vem a ser a quota do assistente não participante (FREUD, 1996, p. 99).

De qualquer maneira, seja o ato humorístico uma reflexão sobre si mesmo ou tendo uma pessoa como alvo, para Freud se trata da superação do ego sobre as condições e circunstâncias às quais estamos submetidos. “Significa: ‘Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!’” (FREUD, 1996, p. 102).

Em nossa viagem pela modernidade, voltemos a Descartes (1979, p. 243), que também praguejou sobre a matéria do riso: “[...] a alegria procedente do bem é séria, ao passo que a procedente do mal é acompanhada do riso e da zombaria”. Ainda, o filósofo procura dar explicações mais científicas para o fenômeno.

O riso consiste em que o sangue que procede da cavidade direita do coração pela veia arteriosa, inflando de súbito e repetidas vezes os pulmões, faz com que o ar neles contido seja obrigado a sair daí com impetuosidade pelo gasnete, onde forma uma voz inarticulada e estrepitosa; e tanto os pulmões, ao se inflarem, quanto este ar, ao sair, impelem todos os músculos do diafragma, do peito e da garganta, mediante o que movem os do rosto que têm com eles qualquer conexão; e não é mais que essa ação do rosto, com essa voz inarticulada e estrepitosa, que chamamos de riso (DESCARTES, 1979, p. 261).

A despeito do fundamento fisiológico do riso, o filósofo, matemático e físico procura desfazer o desentendimento que temos sobre as origens do fenômeno. Diz ele que

[...] ainda que parece ser o riso um dos principais sinais da alegria, essa não pode todavia provocá-lo, exceto quando é apenas moderada e há alguma admiração ou algum ódio misturado nela: pois verificamos por experiência que, quando estamos extraordinariamente alegres, nunca o motivo dessa alegria nos leva a estourar de riso, e não podemos mesmo ser a ele levados por qualquer outra causa, exceto quando estamos tristes; e a razão disso é que, nas grandes alegrias, o pulmão está sempre tão cheio de sangue que não pode encher-se mais rapidamente (DESCARTES, 1979, p. 262).

Mesmo que haja alegria envolvida nesse fenômeno, ela é necessariamente acompanhada pelo ódio ou pela surpresa da situação que a despertou (DESCARTES, 1979). Em contrapartida, Descartes (1979, p. 285) admite a “[...] troça modesta, que repreende utilmente os vícios, fazendo-os parecer ridículos [...]” sendo “[...] uma qualidade do homem de bem [...] por saber dar uma aparência agradável às coisas de que zomba”. Assim, o riso é benéfico a depender de sua motivação.

Talvez por ter sido material abundante de pilhéria, Hegel (2001) tenha se tornado um grande opositor da zombaria, principalmente sob a forma da ironia. Sua percepção sobre o riso tem a ver com o potencial da linguagem humorística de destruir o ser, ao afirmar a potência do *Eu* de construir conteúdo, e não apenas expressá-lo. Nada será

[...] considerado *em si e para si* e em si dotado de valor, mas somente enquanto produzido pela subjetividade do eu. E então o eu, também pode permanecer senhor e mestre de tudo o que existe e nada haverá em nenhuma esfera da eticidade, do direito, do humano e do divino, do profano e do sagrado que não necessite ser primeiramente estabelecido pelo eu e que, por isso, também não possa igualmente ser destruído pelo eu (HEGEL, 2001, p. 81-82).

O temor da destruição do ser é real, porque o *ironista*, para Hegel, cria a liberdade filosófica de tudo destruir, sem qualquer compromisso ético ou humano com a verdade, o belo, a razão, e, portanto, com o sério: “pois a verdadeira seriedade somente se apresenta por meio de um interesse substancial, por uma coisa, verdade, eticidade e assim por diante, em si mesmas cheias de conteúdo [...]” (HEGEL, 2001, p. 82). Tem a ver com a maneira como a ironia funciona; a magia distorcida que produz uma contradição, ao afirmar algo querendo expressar o seu contrário (MUECKE, 1995). Hegel denuncia essa posição, incorporando o que para ele seria a postura de um sujeito armado pela ironia:

Minha aparição [*Erscheinung*], na qual me ofereço aos outros, pode até ser algo sério para eles, na medida em que me tomam como se eu estivesse tratando mesmo de algo sério, no entanto, deste modo eles apenas se enganam, são pobres sujeitos limitados que não possuem o órgão e a capacidade de apreender e de alcançar a altura do meu ponto de vista (HEGEL, 2001, p. 82).

Apesar disso, para Hegel (2001) há uma diferença interessante entre a ironia e o cômico, dado que este último sempre se refere a conteúdos já falsos em si, nulos, vazios de valor. Nesse sentido, para o filósofo alemão, depende mesmo do que se ri. Já podemos ver indicação, entretanto, da potência que o riso e o humor que o produz têm, a partir do perigo que ele expressa.

Aliás, o riso, além de tudo, é capaz de produzir relações de comunicação, como através de uma corrente de energia que liga os indivíduos entre si. Quando nos comunicamos por meio do riso, participamos do sentimento de que ele é sintoma ou consequência. Nesse sentido, Bataille percebe o fenômeno como ato de experiência. Ora,

[...] vendo, ouvindo o riso, eu participo de dentro da emoção daquele que ri. É essa emoção sentida de dentro que, comunicando-se a mim, ri em mim. O que conhecemos na participação (na comunicação) é o que nós sentimos intimamente: conhecemos imediatamente o riso do outro rindo, ou sua excitação, partilhando-a. É nisso justamente que o riso ou a excitação (mesmo o bocejo) não são coisas: não podemos normalmente participar da pedra, da tábua, mas participamos da nudez da mulher que abraçamos (BATAILLE, 1987, p. 100).

A experiência pedagógica e o riso

O riso, assim, é experiência, da ordem do corpo e seus sentidos compartilhados. Em Kierkegaard (2009, tradução nossa)³, a ironia ultrapassa o papel de simples ferramenta linguística. Trata-se de um modo de percepção da própria existência:

ironia é uma determinação-existência, portanto nada é mais ridículo do que supor ser uma figura de linguagem, ou que um autor pode considerar-se sortudo quando vez ou outra consegue se expressar ironicamente. Qualquer um que tenha uma essência irônica a tem o dia todo e não está amarrado a nenhuma forma específica, porque é o infinito dentro dele (KIERKEGAARD, 2009, p. 422).

Para o filósofo, é possível existir por meio da ironia, no sentido de viver a despeito do que a vida nos impõe. Isso tudo porque “o humorista [...] tem consciência do caráter problemático do mundo; ele sente que há uma realidade superior, uma transcendência que ele não compreende e que o leva a distanciar-se do real” (MINOIS, 2003, p. 514). Esse estar consciente da complexidade da vida não o torna “[...] nem angustiado nem desesperado [...]”, mas o obriga a permanecer em “[...] suspenso, incerto, em estado provisório, reduzido a ‘constatar o absurdo’” (MINOIS, 2003, p. 514). E isso só se dá por meio de uma experiência consciente: a percepção da ironia. Enquanto para Hegel o ironista simplesmente *se sente* superior para entrar em conflito com os que, *realmente superiores*, conhecem e respeitam a realidade, em Kierkegaard o ironista se coloca em uma posição superior para perceber que a realidade em si é confusa, problemática, incerta. O ironista viveria justamente atravessado pela incerteza da existência, por meio da dúvida.

Ora, o riso não é um tema novo, mesmo sendo na maioria das vezes considerado como objeto secundário de grandes tratados filosóficos, ou analisado apenas a partir de premissas biológicas, por meio da neurociência, por exemplo, ou na grande área da saúde. No campo da Educação, percebem-se estudos voltados mais para sua instrumentalização, como premissa didática ou artefato metodológico. De maneira mais geral, o tema é bem destrinchado em duas obras que procuram, sob um ponto de vista histórico, mas

³ “Irony is an existence-determination, so nothing is more ridiculous than to suppose it to be a figure of speech, or an author’s counting himself lucky when once in a while managing to express himself ironically. Anyone who has essential irony has it all day long and is not tied to any specific form, because it is the infinite within him”.

também filosófico, passar pelo tempo apresentando como o riso é abordado socioculturalmente pelos humanos. Refiro-me à conhecida obra de Georges Minois (2003), *História do Riso e do Escárnio*, na qual o historiador francês procura categorizar e debater o riso na história humana, partindo da Grécia Clássica até o século XX, e à obra da também historiadora Verena Alberti (2002), que procura apresentar, em *Riso e o Risível na história do pensamento*, como o riso foi particularmente tratado pelo pensamento ocidental, sobrevoando teorias desde a Antiguidade.

Sobre a relação íntima entre o riso e o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, parte fundamental do constructo teórico que desejamos aqui desenvolver, existem alguns artigos publicados em revistas científicas, um livro, algumas dissertações e uma tese, mais especificamente escrita na área da Educação. Em *Nietzsche mediante: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*, Suarez (2007) procura mostrar o lugar do cômico na maneira como Nietzsche critica a filosofia e seus precursores. Na dissertação de Mestrado em Filosofia pela USP de Thiago Ribeiro de Magalhães Leite, intitulada *Nietzsche e o riso* (2016), o autor busca compreender o lugar do riso na obra do filósofo, a partir do conceito fundamental de *vontade de potência*, donde o riso toma forma como *pathos* afirmativo (LEITE, 2016). Outra dissertação, também na área da Filosofia, pela UFOP, é a de Bruno Aparecido Nepomuceno, com o nome *A Gargalhada Dionisíaca: os sentidos do riso e do cômico na filosofia de Nietzsche* (2017), na qual o autor discute o pano de fundo dionisíaco na obra nietzschiana, procurando estabelecer, nas mudanças de direção do filósofo, o lugar do riso e do cômico.

Nietzsche e o riso como crítica e ironia

Para Nietzsche (2012, p. 195-196), “[...] que é *intelligere*, em última instância, senão a forma na qual justamente aquelas três coisas [rir, lamentar e detestar] tornam-se de uma vez sensíveis para nós? Um resultado dos diferentes e contraditórios impulsos de querer zombar, lamentar, maldizer?”. Esse é um dos argumentos filosóficos mais marcantes do filósofo alemão: o ato de conhecer, *intelligere*, é resultado de forças que atuam em nosso corpo, e portanto, antes de mais nada, é o corpo que pensa. Daí a importância do riso em toda a obra nietzschiana, um riso potente, que eleva os sujeitos para além de si mesmos.

Nietzsche escreve *A Gaia Ciência* após um longo período de doença, tornando a obra resultado de sua convalescença. Seu corpo, imbuído de novas esperanças que lhe atravessam nesse período de recuperação e tudo pelo que ele passa na existência, se torna então decisivo para a prática filosófica (NIETZSCHE, 2012), pois para o pensador, toda filosofia é a filosofia de um corpo: tudo que podemos pensar e criar passa pelo corpo. Ora, é depois da dor intensa e contínua que nos aprofundamos e começamos a ver a vida como um *problema*, no sentido em que começamos a exercitar a dúvida, a suspeitar mais. Uma

alegria se instala em nós quando a aflição pelo incerto se desfaz (NIETZSCHE, 2012, p. 13-14). Fica evidente que Nietzsche (2012) procura compreender a vida como esse movimento caótico e, ao contrário de propor o amortecimento da existência através do conforto de uma *finalidade*, do abrandamento das ações, pelo comedimento e pela metafísica, o pensador nos inspira a abraçar o caos e rir dele, o que implica em rir de nós mesmos. Trata-se de um ataque contra o *mestre da finalidade da existência*, que para Nietzsche (2012) insiste em criar uma *segunda existência*, negando esta que se expressa no aqui e agora. Signo do eterno retorno, a afirmação da vida pela *vontade* faz do riso um permanente instrumento de confronto à estagnação da normatividade que rege nossas vidas.

Mas que riso é esse? Eis uma resposta indigesta: “– Rir significa: ter alegria com o mal dos outros, mas com boa consciência” (NIETZSCHE, 2012, p. 156). Ter alegria *com o mal dos outros* significa exatamente o que? Em nota, os tradutores da versão em inglês consideram tal expressão como intraduzível, porém explicam: significa deleitar-se maldosamente com o desconforto de outra pessoa, causando com isso *danos* (NIETZSCHE, 2012, p. 295). Um riso que constrange sua vítima? E se as vítimas fossem nossas certezas, convicções ou as convicções dos ditos mestres da finalidade? O sentido maior do riso de Nietzsche (2012) é aquele que, como experiência de vida, leva ao conhecimento. O riso não como simples destruição do que está posto pela *civilização* de que fazemos parte, mas um instrumento que faz girar a produção de conhecimento, abrindo-lhe à criação. Em *Assim Falou Zarathustra*, o riso de Nietzsche continua a propor o mesmo efeito, mesmo que sua apresentação seja mais metafórica e poética. Diz ele: “não com a ira, mas com o riso é que se mata. Eia, vamos matar o espírito de gravidade!” (NIETZSCHE, 2011, p. 41). Aqui, esse *espírito de gravidade* fundamenta o *bem* e o *mal* como valores absolutos e irrefutáveis, negando a possibilidade de um *dever*, de um futuro que se abre à criação. Um espírito que impede a *elevação* do ser. Em contrapartida, Zarathustra oferece atos de *resistência*: “e disse-lhes para derrubar suas velhas cátedras, e tudo aquilo em que se havia sentado aquela velha presunção; disse-lhes para rir de seus grandes mestres da virtude, santos, poetas e redentores do mundo” e ainda, “de seus sombrios sábios, também lhes disse para rir, e de quem alguma vez se sentara como negro espantalho, admoestando, na árvore da vida” (NIETZSCHE, 2011, p. 187). Assim, Zarathustra, pelas palavras de Nietzsche (2011, p. 82), revela-nos a criação como “[...] a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação” (NIETZSCHE, 2011, p. 82). O riso, portanto, não faz desaparecer a condição de caos e tragédia em que vivemos, mas nos coloca em elevação diante dessas circunstâncias, de modo que sejamos capazes de fazer ainda escolhas e “quem um dia ensinar os homens a voar, deslocará todos os marcos de limites; os marcos mesmos voarão pelos ares, e esse alguém batizará de novo a terra – de ‘a Leve’” (NIETZSCHE, 2011, p. 183). O riso formativo de Nietzsche quer permitir a

potência criadora de sujeitos que dançam na existência com passos leves e gargalhadas, desejando sempre tornarem-se *espíritos livres*.

O conhecimento, a escola e o riso: horizonte de uma outra formação

Nesse sentido, podemos pensar, por exemplo, nos efeitos do riso em sala de aula. Um aluno que ri em sala interrompe o fluxo da aula, da fala do professor, constrange esse momento solene, e, portanto, é costumeiramente visto como um obstáculo, um personagem inconveniente que obstrui um processo que *deveria* fluir de maneira constante, em suas etapas pré-estabelecidas pela autoridade em sala. O aluno que ri, qualquer que seja o motivo, razão ou circunstância, está fadado a pagar por um crime grave: o de profanar a sacralidade do ensino. Isso porque a Escola, dentre tantas outras coisas, também é lugar de controle. E o lugar da verdade. Também pode ser o lugar da dúvida, da incerteza, da pluralidade de pontos de vista? Certamente. Mas ela não deixa de ser um lugar de controle, pois é onde o conhecimento a ser ensinado depende de certa sistematização, estrutura, formas pré-estabelecidas advindas de um consenso sobre o que é importante – e o que não é – ser ensinado. O currículo é expressão dessa necessidade (SILVA, 1999), e também a relação de autoridade estabelecida entre professor e aluno, esse ser *sem luz* que precisará ser preenchido, esclarecido, iluminado durante o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, e nesse lugar, como podemos trabalhar com o caos do riso? Uma sugestão: o aluno que ri pode ser apenas um inconveniente ao professor sobrecarregado com 30 turmas em três escolas públicas diferentes, ou uma porta para uma nova reflexão sobre o conteúdo ministrado. Isso depende da *disponibilidade* do professor em considerar tais intervenções a partir do ponto de vista da coragem – e não do insulto. Larrosa (2006) admite:

aos professores nos falta, talvez irremediavelmente, essa aristocracia de espírito, essa finura de espírito, essa leveza que ainda tinha o pensamento quando não era monopólio dos professores, quando ainda não se havia contaminado dessa austeridade pedagógica, moralizante, solene, dogmática e um tanto caspenta que é própria do tom professoral (LARROSA, 2006, p. 169).

O tom professoral, diante do riso que irrompe como força tão humana no estudante que ainda não incorporou completamente a legislação comportamental da sala de aula, pode se tornar agressivo e repressor. Mas isso depende do tipo de professor que desejamos ser. E, em confluência, implica no tipo de sujeitos que desejamos formar. Esse riso, descontrolado, pode ressonar no professor como uma interrupção de sua *normalidade*, do enredo solidificado de sua aula, e certamente, se assim ele estiver disposto, do seu próprio ponto de vista sobre os conteúdos que ali se propõe ministrar.

O riso expressa um ponto de vista humorístico, uma visão que brinca com o discurso, com o que consideramos real, verdadeiro. E essa visão se alia ao que o corpo por si só expressa na pulsão do riso, da

gargalhada, ou mesmo do mero *insight* sarcástico. E ela marca o sujeito, dado que é produto de uma subjetividade. Ora, se o aluno riu, o que foi dito em sala teve alguma importância. Se teve valor, não importando qual seja seu grau ou qualidade, que bela oportunidade de fazer uso, para o professor, dessa porta que se abre. Inclusive utilizando-se do próprio riso e da linguagem humorística que o provoca, para responder a esse impulso. Conectar-se, a partir do riso, com esse sujeito em formação, com seu corpo que grava informações, produz reflexões, tem a capacidade de criar o novo, deveria ser no mínimo uma possibilidade da educação que deseja desenvolver mais do que mão de obra barata ou autômatos bem treinados no modo rebanho.

Há, contudo, a necessidade de o professor dizer sim a esse caos. Admitir o riso como parte inesperada do que se projetou para o momento da aula, assumindo o ato como produtivo, mesmo que não se saiba exatamente do que. É comum, entretanto, que se evite esse tipo de acontecimento, por medo – ou mesmo repulsa – do que o riso pode promover. Como no escárnio, por exemplo, essa forma brutal de mover as palavras como arma de ataque. Enquanto desprezo e zombaria de alguma sacralidade estabelecida, o escárnio pode ser um grande destruidor de almas. Mas não se trata aqui de promovê-lo a instrumento pedagógico, institucionalizando sua prática como linguagem corrente em sala de aula e, com isso, promover *bullying* entre colegas ou alunos e professores. Mas o escárnio como fato, como acontecimento imprevisível que se dá ou não na vida dos sujeitos, pode ser elaborado como catalisador de reações em potência, que nos levem à superação de nossas próprias condições. Ora, uma piada que estimula violência, ou que promove a perpetuação de condições de opressão; como ela pode permitir o aprendizado, se seu fundamento reside justamente na incapacidade do sujeito de se colocar em movimento em meio ao contexto de relações socioculturais de que fazemos parte? Se sua base é a ausência de autocrítica, ou de suficiente interesse sobre si mesmo e a reflexão que disso resulta? Ora, um riso que quer a manutenção das condições vigentes de existência, em detrimento do novo, do movimento, da criação, esse riso pode ser encarado pelo professor justamente como o fato trágico que permite o conhecimento, antes de ser apenas um acontecimento a ser compreendido ou meramente afirmado. Ele é gerador, assim como qualquer outra situação, de experiência formativa, desde que o professor esteja aberto a fazer uso do riso, que, combativo, questionador, dá lugar à reflexão.

Nesse sentido, como pulsão, o riso, seja pelo escárnio, por piadas que promovem a manutenção de um contexto que paralisa o potencial humano, ou qualquer outra motivação, como simplesmente achar algo engraçado, pode contribuir para mobilizar nossas próprias potências, desde que aceitemos a vida a partir de seu presente, de seus acontecimentos, e os caminhos que o inesperado pode abrir à nossa frente. Como um fato trágico pode nos mobilizar nas relações das quais participamos? O caminho do ressentimento é paralisante. Entretanto, para justamente evitar a imobilidade, sendo o riso um parâmetro possível de

entendimento do conteúdo, por exemplo, há que ser capaz de rir de si mesmo, de estar disposto a quebrar com suas próprias compreensões de si, do que é importante preservar moralmente, para então se tornar não apenas imune ao escárnio alheio, mas com ele ser capaz de criar coisas novas, para si e para os outros. Ora, o riso só se combate com mais riso.

Considerações Finais

Procurando amarrar nossas reflexões sobre o riso e a educação, pensamos ser importante destacar a obra de Steiner (2005) - *Lições dos Mestres* - na qual o autor propõe uma reflexão interessante sobre a profissão de professor, que, segundo ele, é um termo um tanto quanto vago, pois “inclui todas as nuances imagináveis que vão desde uma vida de rotina sem qualquer encanto a um exaltado sentido de vocação” (2005, p. 11). O autor cria várias tipologias para falar do professor, desde o destruidor de almas até o Mestre carismático. E faz uma pergunta fundamental a todos nós: O que dá a um homem ou a uma mulher o poder de ensinar a um outro ser humano, de onde provém essa autoridade?

A própria pergunta acaba por mostrar a importância da tarefa, e por isso Steiner reconhece que a educação é um território no âmbito do espiritual. Nesse território, vamos encontrar também os vampiros da alma, que subjagam individualidades, alimentam-se de uma soberba que despreza o outro. Felizmente, podemos combater esses vampiros para destacar aqueles mestres que reconhecem o valor da troca pautada por um *eros* que instaura confiança, em que inclusive o humor, o cômico, o riso e a loucura têm acolhida.

Como sugere Nietzsche n/A *Gaia Ciência* (2001, p. 51-53), sempre estarão entre nós os mestres da finalidade da existência, que se autodefinem mestres da ética, e insistem que devemos esquecer os impulsos e instintos para atingir metas/finalidades. Todo mestre da finalidade impede o devir criativo, pois estabelece *a priori* o lugar de chegada. A vida é de fato um convite a pensar em possibilidades de chegada, mas implica também reconhecer e definir desvios de rota sempre que necessário. Mestres da finalidade perderam ou nunca tiveram a capacidade de rir de si mesmos, o riso neste caso implica rir daquilo que ficou definido como finalidade, mas não pode ser cumprido pois contingências da vida exigiram outro itinerário.

Assim, existe algo de belo no riso, na capacidade de olhar para si mesmo e rir das suas próprias necessidades, incompletudes, fragilidades, de suas convicções para cavar aberturas, não cavernas, rachar o tempo, o corpo, a existência para que o inusitado possa revelar-se.

Segundo Steiner, os vampiros da alma tornam-se “gentis coveiros” e será contra eles que precisaremos empreender esforços, combatê-los, inclusive por meio do riso, para evitar que a educação seja capturada pelo tédio. Será preciso reconectar sensibilidade e razão, território fecundo para o pedagógico. Conforme afirma Nietzsche, enquanto vivos estamos sempre mobilizados pelo vulcânico desejo de

prosseguir, e nesse deslocamento talvez o riso, o humor, a dança, a leveza, a sensibilidade, o afeto possam fazer toda diferença.

Guervós (2003) reafirma um Nietzsche que define a dança como expressão vital, desdobrando-se em pensamento, linguagem e corpo. “O solene e o pesado tem de ser superados” (2003, p. 84) e a leveza da dança é uma alternativa. E recomenda:

Até que o homem não saiba dançar e rir, não poderá superar-se a si mesmo, nem poderá religar-se com o *cosmos*, nem poderá voar, nem surgirá o além-do-homem. Pois, para voar, antes terá de aprender a dançar. Quem quiser aprender em algum momento a voar *tem de aprender a “manter-se em pé e a caminhar e a correr e a saltar e a subir e a dançar por sobre todas as coisas”* (Za/ ZA III “Do espírito de peso”). Este é o ensinamento de Zaratustra ao dançarino, ao leve, ao que ama os saltos e as piruetas, para todos aqueles homens superiores que têm ainda “pés e corações pesados” (Za/ZA IV “Do homem superior”) (GUERVÓS, 2003, p. 92-93).

A leveza, o ritmo, a música, o riso, implicam em assumir o pensamento como dança, assumindo a transitoriedade das experiências e relativizando qualquer tipo de segurança, tão aspirada por todos os humanos. Também a sala de aula não é totalmente segura, não sabemos, a cada entrada nela, como será nossa experiência com os estudantes. Parece imprescindível que o educador deva ter força para compreender essa condição e ao mesmo tempo buscar soluções provisórias sempre passíveis de risco e desequilíbrio. Por isso, o riso pode ser uma espécie de sabedoria que transfigura a vida, dissolve o espírito de peso, de excesso de seriedade, para produzir espaços para a criatividade.

Por fim, seguindo Guervós (2003), talvez possamos mesmo aprender com Nietzsche e também depositar nossa confiança no ser humano que aprendeu a dançar:

naquele que saberá dizer *sim* à vida dançando, naquele que fará cantar as palavras, naquele que viverá em meio ao ar puro das alturas, renascendo a cada dia ao sol, naquele que definitivamente saiba rir e ser alegre (GUERVÓS, 2003, p. 100).

De tantas formas, ao longo da história, o riso foi descrito, narrado, impedido, censurado, afirmado, que podemos de fato dizer que ele tem um componente pedagógico, inclusive tem um efeito normativo, que extrapola o fazer resistência apenas, já que o horizonte normativo do riso exprime as possibilidades reais de transformação de si (do mestre e do estudante), justamente o que embasa um projeto crítico de ‘formação’ ou ‘autoformação’. Portanto, o rir não é uma ação desprovida de significado, não se esgota no rir à toa, implica, isso sim, uma ação de crítica e transformação de si mesmo, libertando-se do que é solene e pesado e tantas vezes limitador de nossas ações educativas.

Nesses termos, podemos outra vez indagar, tal como aponta Steiner: o que dá a um homem ou a uma mulher o poder de ensinar a um outro ser humano, de onde provém essa autoridade? Por mais paradoxal

que seja, a autoridade também vem da capacidade de dançar com o pensamento, para rir e permitir-se com isso transformar-se e garantir que o outro sempre presente em nossas salas de aula faça também esta experiência.

Assim podemos concluir⁴ dizendo que o amor ao destino, no campo da educação, é em parte o amor à Terra, a tudo aquilo que floresce e nasce. Sabemos que nem tudo floresce nas instituições, apesar da necessidade da existência delas. O desafio do mestre está em compreender esse cenário e “vir ao mundo” reconhecendo que ele está cheio de contradições e paradoxos, e mesmo assim não desejar, enquanto educador, ficar imobilizado. O mundo está repleto de fissuras, franjas, rasgos, avessos, abismo, mas também alegrias, conexões, êxtase. Entre uma e outra experiência, recomenda-se o riso, que em alguma medida abriga nossa humanidade, nosso desejo e nossa coragem de sempre de novo reiniciar a tarefa de educar.

Nietzsche afirma a necessidade de ruminar, deixar que as coisas se aproximem para pensar com sossego e tempo, para então fazer fluir e afirmar experiências novas, singulares, não totalizantes, erguendo vozes dissonantes, que talvez estabeleçam outros horizontes para a educação. O riso conectado com novas auroras, que venham e que nos animem a prosseguir.

Referências

ALAVARCE, C. S. **A Ironia e suas Refrações**: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ALBERTI, V. **O risível através dos tempos**. Entrevista realizada pela Unisinos. 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3961-verena-alberti>. Acesso em: 12 ago. 2020.

_____. **O Riso e o Risível: na história do pensamento**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2002.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.

BATAILLE, G. **O Erotismo**. São Paulo: L&PM, 1987.

BITTENCOURT, N. A.; HARDT, L. S. Didática geral. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

BOCAYUVA, I. Riso e loucura em Platão e Nietzsche: uma provocação insinuando aproximação. **Argumentos**, ano 6, n. 12, p. 85-96. Fortaleza, jul./dez. 2014.

⁴Afirmções inspiradas no artigo *A ideia de mestre em Nietzsche*, de autoria de Lúcia S. Hardt, que integra o livro organizado pelo Grupo de pesquisa Rede SUR Paideia: *La idea de maestro em la tradición filosófico y educativa*, publicado em 2018.

DESCARTES, R. **Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas.** Coleção Os Pensadores. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DIAS, R. M. **Nietzsche educador.** 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. **Nietzsche, vida como obra de arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ERASMO DE ROTTERDAM. **O Elogio da Loucura.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAUSTINO, M. A ‘grande libertação’ e a doutrina nietzschiana da saúde: A ‘grande saúde’ nos prefácios a Humano, Demasiado Humano. **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v. 9, n. 2, p. 20-39, jul./dez. 2017.

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-estar nas Civilização e outros trabalhos** (1927-1931). (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GUERVÓS, L. E. S. Nos limites da linguagem: Nietzsche e a expressão vital da dança. **Cadernos Nietzsche**, n.14, p. 83-104, 2003.

HEGEL, G.W.F. **Curso de Estética.** Vol. 1 São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KIERKEGAARD, S. **Concluding unscientific postscript to the philosophical crumbs.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

LARROSA, J. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEITE, T. R. M. **Nietzsche e o riso.** 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 207fls.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio.** São Paulo: UNESP, 2003.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico.** São Paulo: Perspectiva, 1995.

NEPOMUCENO, B. A. **A gargalhada dionisíaca:** os sentidos do riso e do cômico na filosofia de Nietzsche. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa De Pós Graduação em Estética e Filosofia da Arte, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. 189fls.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência.** Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Assim falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Aurora:** reflexões sobre os preconceitos morais. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Humano demasiado humano I**. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. **Para além de bem e mal**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIBEIRO, L. Do riso demoníaco ao riso religioso na idade média. **Escritas**. v. 10, n. 1, p. 211-239, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/4919> Acesso em: 26 ago. 2010.

SANTO AGOSTINHO. **O Livre-arbítrio**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 1995.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e Representação**. Vol 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STEINER, G. **Lições dos mestres**. Rio de Janeiro/SP: Record, 2005.

SUAREZ, R. **Nietzsche comediante**: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.